

# Cadernos Teologia Pública



## A Encíclica *Laudato Si'* e os animais

Gilmar Zampieri

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)  
ano XIII • número 110 • volume 13 • 2016

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS 

 UNISINOS

# **A Encíclica *Laudato Si'* e os animais**

## **The Encyclical Letter *Laudato Si'* and the animals**

Gilmar Zampieri

### **Resumo**

O texto faz uma leitura crítica da encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, mostrando o alcance da ecologia integral e os seus limites quando se pensa uma questão específica como é o caso dos animais e seus direitos. Entre os humanos e o meio ambiente, há os animais. Os animais não compõem o meio ambiente e não são recursos naturais que precisam ser preservados para o bem dos humanos. Os animais não compõem a paisagem. Eles não são coisas da natureza, eles são alguém com interesses e direitos que merecem nosso respeito, e não somente nossa compaixão. Nesse aspecto é um erro dizer que a crise atual é socioambiental. Mais correto então seria dizer que a crise é sócio-animal-ambiental. O texto, portanto, tematiza e problematiza a *Laudato Si'* desde a perspectiva de uma ética e teologia da libertação animal.

**Palavras-chave:** Holocausto Animal; Ética Animal; Teologia Animal; Valor Inerente e Valor Instrumental; Antropocentrismo; Biocentrismo Diferenciado.

### **Abstract**

The text proposes a critical reading of the Encyclical Letter *Laudato Si'* and shows the reach of holistic ecology and its limits in relation to the specific issue of the animals and their rights. Between human beings and the environment are the animals. Animals are not part of the environment and are not natural resources that should be preserved for the sake of human beings. Animals are not part of the landscape. They are not things in nature, but are someone with interests and rights that deserve our respect, and not only our compassion. In this respect it is a mistake to claim that the present crisis is a socio-environmental one. It would be more correct to say that the crisis is a socio-animal-environmental one. Thus the text discusses and problematizes the Encyclical Letter *Laudato Si'* from the perspective of an ethics and theology of animal liberation.

**Keywords:** Animal Holocaust; Animal Ethics; Animal Theology; Inherent and Instrumental Value; Anthropocentrism; Differentiated Biocentrism.

# **A Encíclica *Laudato Si'* e os animais**

**Gilmar Zampieri**

Centro Universitário La Salle – UNILASALLE

Escola de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

**Reitor:** *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

**Vice-reitor:** *José Ivo Follmann, SJ*

**Instituto Humanitas Unisinos**

**Diretor:** *Inácio Neutzling, SJ*

**Gerente administrativo:** *Jacinto Schneider*

**www.ihu.unisinos.br**

**Cadernos Teologia Pública**

Ano XIII – Vol. 13 – Nº 110 – 2016

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling

**Conselho editorial:** MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

**Responsáveis técnicos:** Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues.

**Revisão:** Carla Bigliardi

**Imagem da capa:** Patrícia Kunrath Silva

**Editoração:** Rafael Tarcísio Forneck

**Impressão:** Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa de Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467

Email: [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

# A Encíclica *Laudato Si'* e os animais<sup>1</sup>

Gilmar Zampieri

Centro Universitário La Salle – UNILASALLE  
Escola de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF

## Introdução

O Papa Francisco elevou o *status* do debate em torno da ecologia, transpondo e transformando-a de um tema periférico no interno da doutrina social da igreja para um tema e questão central e sistematicamente elaborada. A evolução do conceito, de periférico para central, passa de uma ecologia *criacional, ambiental e hu-*

*mana* para uma *ecologia integral*<sup>2</sup>. A partir da encíclica *Laudato Si'*, falar novamente em criação, meio ambiente e humanidade só será possível tendo como modelo o enredo traçado pelo Papa. Já não será mais razoável pensar aquém da encíclica. Já não será razoável pensar isolado e fragmentariamente. No interior da igreja e da teologia já não bastarão acréscimos temáticos sem conexão e interdependência no trato da questão ecológica. E no interior do pensamento científico, o paradigma

---

1 Este artigo é a íntegra da conferência proferida pelo Prof. MS Gilmar Zampieri no dia 13 de abril de 2016, na Mesa-Redonda sobre a Carta Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, Sobre o Cuidado da Casa Comum, e suas contribuições ao enfrentamento da crise ambiental, promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

---

2 Cf. BRIGHENTI, Agenor. A evolução do conceito de ecologia no Ensino Social da Igreja. Da *Rerum Novarum* à *Laudato si'*. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (Orgs.). *Cuidar da casa comum. Chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, pp. 52-64.

cartesiano, que separa para compreender, necessita ser superado e, no seu lugar, será necessário pensar, para bem compreender, a partir do paradigma sistêmico e holístico cuja fórmula sintética é: tudo está interligado. Águas, terra, ar, animais e humanos são parte de um todo, de uma *casa comum (Terra)*. Que feliz expressão esta: casa comum!

Dizer *casa comum, ecologia integral, tudo está interligado* significa dizer que isolado e separadamente não é possível pensar o ser, e este, quando isolado, se desfaz e morre. Significa também dizer, com Anaxágoras, que “tudo está em tudo”, que somos todos irmãos e irmãs e, portanto, o ar, a água, matéria e energia atômica que está em mim está também nos minerais, vegetais e animais. A parte está no todo e o todo está na parte<sup>3</sup>. Se tudo está em tudo e tudo está conectado, então somos apenas aparentemente diferentes e, muito injustamente, um superior ao outro. Do ponto de vista da vida, somos uma comunidade de vida com igual valor e, diante de Deus, cada criatura tem valor próprio e, “pelo simples fato de existirem, bendizem e Lhe dão glória” (LS, 69).

3 Ver. FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual. São Paulo: Paulinas, 2013, n. 234-237.

E mais, se tudo está conectado e interligado, então não é correto falar em crise ecológica sem conectar com o modelo de desenvolvimento econômico predatório da natureza e dos pobres, aliado a um sistema político estatal conivente e dependente das corporações econômicas que visam mais ao lucro do que à justiça e ao equilíbrio ecológico. E, se tudo está interligado, então a crise socioambiental só pode ser solucionada com esforços em vários níveis: internacional, nacional, institucional e pessoal. Para isso, políticas públicas e nova educação e espiritualidade se impõem para ultrapassarmos um modo de vida e de consumo que a tudo e a todos trata como descartável numa lógica de satisfação de desejos, mais do que satisfação de necessidades que respeite o limite dos recursos naturais.

Esse parece ser o horizonte da reflexão sistêmica da *Laudato Si'*. A análise de cada uma das partes que compõe a encíclica segundo o método ver, julgar e agir vai além do que temos por interesse aqui. Já há bons estudos e aprofundamento que dão conta do alcance geral da encíclica<sup>4</sup>. O foco de nosso interesse será algo ainda

4 Cf. MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (Orgs.). *Cuidar da Casa Comum*. Chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.

pouco explorado, pouco visto, pouco analisado, quase desconhecido, silenciado, ou não percebido como algo que mereça atenção, mas que no nosso entendimento deveria ser de atenção absoluta.

Trata-se da questão crucial da relação entre humanos e animais não humanos que, numa abordagem ecológica, deveria ser simplesmente uma questão central, mas não tem sido, inclusive na *Laudato Si'*. Nesse sentido a encíclica ainda é refém de um viés antropocêntrico-especista com forte tendência metafísica no trato dos seres, como são os animais, que não fazem parte do meio ambiente, não são recursos naturais, mas são sujeitos de uma vida *senciente*, que interagem no meio ambiente. Há de fato um platonismo na ecoteologia, na medida em que em sua metodologia não alcança pensar a partir da irrepetibilidade, singularidades e especificidade dos seres vivos animais, colocando a discussão sempre no patamar holístico, do todo, dos ecossistemas e da sustentabilidade, não ponderando o valor em si de cada ser vivo *senciente* na diferença com o ser vivo *não senciente*, por exemplo. Nesse sentido nos parece incorreto falar somente de crise social e ambiental ou socioambiental. Os animais não humanos não fazem parte do meio ambiente, eles não compõem a paisa-

gem, não são recursos naturais, eles são alguém com olhos que nos olham e nos lançam um apelo ético e religioso: socorro!

Para o desenvolvimento da tese, seguiremos o esquema da própria *Laudato Si'*, apresentando o que está posto na discussão quando se trata da relação entre humanos e animais não humanos e, com isso, deixando explícita a ausência na *Laudato Si'* da questão animal, enquanto questão específica com problemas e dramas particulares. Por outro lado, seguindo também o esquema da encíclica, destacaremos o que nas intuições do Papa há de profético, mesmo nas ambiguidades, para os altos interesses dos animais.

### **O que está acontecendo com os animais? Holocausto animal?**

Quais os dramas particulares que os animais não humanos enfrentam, por nossa culpa e responsabilidade e que, portanto, merecem justiça e não só compaixão, e que precisam ser postos e nomeados linguisticamente para não continuar mascarando a realidade? De que estamos falando quando falamos da nossa relação com os

animais não humanos? Como descrever minimamente o que está acontecendo com os animais?

O escritor sul-africano John Maxwell Coetzee, Prêmio Nobel de Literatura em 2003, sugere, no livro *A Vida dos Animais*<sup>5</sup>, uma instigante analogia entre o holocausto, perpetrado aos judeus, ciganos, homossexuais e outros grupos minoritários, na Alemanha nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, e o holocausto incessante, imposto aos indefesos e inocentes animais. Ele insinua que o termo “campos de concentração” é o que melhor define a nossa relação com os “outros”, os animais não humanos.

Seguindo a intuição de Coetzee, poderíamos localizar cinco grandes campos de concentração<sup>6</sup>, em estado vigente e permanente, nos quais o ser humano submete à escravidão, à tortura e à morte bilhões de animais a cada ano. Pois é isso o que está acontecendo, escravidão, tortura e morte.

5 COETZEE, John Maxwell. *A Vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

6 Para um aprofundamento na descrição do holocausto animal nos cinco campos de concentração, bem como a história da ética e da teologia desde a perspectiva da libertação animal, Cf. SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A Vida dos Outros*. Ética e teologia da libertação animal. São Paulo: Paulinas, 2015.

## 1º campo de concentração: estimação

O primeiro campo de concentração e que nos afeta direta e proximamente é o campo de concentração dos animais domésticos. É um campo com menor problema de ordem moral e talvez a situação de menor sofrimento e morte dos animais. Afinal, nós amamos nossos cães e gatos e costumamos tratar bem, proteger e cuidar aqueles que amamos. Essa é a regra e isso parece bem.

No entanto, a domesticação de animais e o consequente afeto a eles dispensado não nos livram de culpa e de vergonha por uma série de problemas que lhes causamos: espécies silvestres domesticadas e mantidas em cativeiro; cães mutilados por cirurgia nas cordas vocais para que não nos importunem com latidos; gatos privados das unhas para que não arranhem seus donos e seus móveis etc. Além disso, muitos *pets* são incomodamente vestidos ou confinados em espaços impróprios, pequenos e sem contato com a natureza, o que os impede de exercer sua índole natural. Acrescenta-se a isso os dissabores da ração artificial, do adestramento não isento de excessos e sofrimentos, da solidão diária quando da ausência do tutor da casa e



da ausência de outros animais da mesma espécie para companhia e, sobretudo, do abandono que os joga na rua, lugar de maus-tratos, desprezo, doenças e morte para os animais. Quando se abrem os olhos, vê-se que esse campo apresenta uma série de problemas que temos em não ver.

## **2º campo de concentração: o entretenimento**

Quanto sofrimento aos animais custa o nosso divertimento em suas várias modalidades? As espécies selvagens expostas em circos e zoológicos, os animais feridos e mortos em touradas, vaquejadas, rodeios e rinhas, todos eles vivem uma vida infeliz, em estado de medo e estresse permanente, longe do seu *habitat* natural e da liberdade que qualquer animal precisa como condição mínima de vida digna.

Verifica-se, atualmente, um processo de combate ao excesso de tortura imposta aos animais no campo dos jogos e das diversões. Mudanças são regulamentadas para restringir e coibir essas práticas, mas ainda persistem tradições que ignoram os interesses dos animais enquanto seres vivos e os tratam como coisas.

Como meros objetos, eles são enjaulados e torturados em sessões de treinamento e em modalidades de provas e jogos que só nos divertem por conta da nossa insensibilidade e alienação moral, mas são humilhantes e nada divertidas para os animais escravizados para esse fim.

## **3º campo de concentração: ensino e pesquisa**

O campo dos experimentos é minado pela nosa sutil justificativa que teima em afirmar a necessidade dos procedimentos de ensino e pesquisa. De modo geral, valemo-nos de argumentos do tipo: a ciência estagnaria se não usássemos a cobaia animal; se você ou seu filho tivesse uma doença rara e nova, que só seria combatida com medicamentos testados em animais, você abriria mão desse recurso da ciência? E mais: não vale a pena praticar a dissecação e a vivissecação (abrir e estudar animais vivos) se isso ajuda na transmissão de conhecimentos?

Em nome desses argumentos são praticadas as maiores crueldades, na área do ensino, pesquisa e dos testes como o são os testes *draize* e LD50, os quais me-

dem a irritabilidade e toxicidade de produtos químicos, farmacológicos e cosméticos, que são hoje amplamente contestados pelos defensores dos direitos dos animais. São contestados porque há substitutivos eficientes tanto para o ensino quanto para a pesquisa. Se não houvesse substitutivos, a questão ética não se apresentaria, pois só há problema de ordem moral quando se está diante de alternativas.

#### **4º campo de concentração: instrumentos de uso**

Nesse campo de concentração, os animais viram sapatos, tênis, jaquetas, pastas, chinelos, acentos, sofás, malas, bonés etc. Isso inspira uma interrogação: a nossa vaidade vale o extermínio de um ser vivo complexo e raro como a lontra, a foca, a chinchila, a raposa, o lince? Não há algo de primitivo, selvagem, irracional, desumano, insensível e imoral nesse comportamento?

A captura de animais silvestres para qualquer fim é algo abominável, mas não é mais do que a criação de animais complexos, criaturas sensíveis e inteligentes, em cativeiro, para um único fim: a morte e o uso do couro, da pele, como ornamento, conforto, beleza, utilidade e,

acima de tudo, *status* para nós. Não haverá algo de errado em tratar animais sencientes (capacidade de sentir dor e com algum grau de consciência) e desejosos de vida, como se fossem coisas? Eles não são coisas, eles são *alguém*. Atrás do seu olhar há alguém e não tão somente algo!

#### **5º campo de concentração: alimentação**

Comparados com esse, os outros campos de concentração são *inocentes*. É nesse campo que o problema toma proporções de holocausto em massa. Estima-se que anualmente 60 bilhões de animais são criados e sacrificados para alimentação, sem contar os peixes. Isso significa 160 milhões de mortes por dia, 6 milhões por hora e 100 mil por minuto.

Os números impressionam e carregam um enorme peso moral, mas não é apenas a quantidade que está em jogo. Imagine em que condições esses animais são criados, transportados e abatidos! Mortos prematuramente, criados com hora marcada para morrer, muitos ainda filhotes. Na indústria da carne, uma galinha, que pode durar até 7 anos em condições naturais, é morta

aos 40 dias de vida; um porco, que pode viver até 12 anos, é morto aos 4 meses; um boi, que pode ter uma vida natural de 24 anos, morre com porte de adulto aos 2 anos de idade. São curtas e tristes vidas! Pior sorte têm as galinhas poedeiras e as vacas leiteiras, reduzidas a máquinas de produção. São confinadas e condenadas a viver em pé em espaços ínfimos, sem direito sequer de dormir ou ao menos de se deitar, obrigadas a comer dia e noite para produzir o dobro do que seria natural em ovos e leite.

É indescritível e até inimaginável o sofrimento silencioso e anônimo por que passam os animais tratados como objetos, reduzidos a algo, destituídos do direito de ser alguém e de ocupar o seu lugar na comunidade dos seres vivos. Nós ignoramos que eles não são pedras inanimadas, não são árvores que compõem a paisagem, não são coisas. Ignoramos que eles são seres sencientes, que sofrem e lutam pela vida, mesmo que nós não nos interessemos por eles e os privemos até de seus instintos de ternura, segurança e afeto. É cruel ver os bezerras criados friamente, sem conhecer o contato afetivo da mãe, ou os pintinhos amontoados em caixas, que jamais experimentaram o calor das asas protetoras da galinha.

Quando esses animais chegam aos nossos pratos, eles chegam não como animais, mas como coisas (peças). O animal está ausente no prato. O animal e sua vida estão ausentes no bife, na costela, na picanha. No prato, o animal vira mercadoria fetichizada que esconde o processo sob o qual o animal foi criado e, sobretudo, a sua cruenta morte ainda bebê. Fetichizado ainda pelo fato de que não aliamos a peça ao todo. A peça ganha autonomia, vida própria, separada do todo, recebendo um valor monetário independente do valor que o animal teria em si, mas já não tem. A nossa linguagem se encarrega de fazer um processo de mascaramento do real para que nossa consciência siga tranquila e sem dramas morais. Não se diz, por exemplo, animais para serem mortos, assassinados, mas se diz: animais para o abate ou para o corte! Não se diz: vamos matar e comer um boi, mas vamos comer um churrasco ou um bife etc.

-----xxxxxxxxxxxxxxxx-----

A pergunta agora é: como a *Laudato si'* enfrentou essa realidade? O que ela diz na primeira parte em que analisa a realidade, sob a pergunta: o que está acontecendo com a casa comum? Não seria de supor que

numa exposição do problema ecológico integral se dissesse algo sobre os animais criados, mantidos e mortos nos campos acima referidos? Não seria de supor que, na parte em que se expõem as “questões que causam inquietação e que já não se pode esconder debaixo do tapete” (LS, 19), aparecesse algo, um parágrafo, uma frase, uma menção à realidade acima exposta?

No entanto, o silêncio é absoluto. É como se não houvesse problema algum nos campos de concentração mencionados. É como se fosse algo dentro da normalidade com justificativa e legitimidade moral e teológica. Seria puro desconhecimento do fato, ou o fato mesmo não merece tratamento diferenciado além do que foi dito?

Para não sermos injustos, vamos recolher o que diz o texto sobre os animais na primeira parte da encíclica. Mas cuidado! Tudo o que é dito, e que é pouco ou quase nada, em nada toca a questão da indústria da carne, ovos, leite e derivados; além dos outros campos de concentração, que também não são mencionados. Quando a encíclica fala dos animais, sempre será dentro de outro interesse, qual seja, o equilíbrio ambiental e do ecossistema, e portanto, dos animais silvestres, por assim dizer, e não dos animais criados para fins industriais e para os outros fins acima elencados. Senão vejamos:

1. Quando a encíclica refere-se às mudanças climáticas, teria sido um lugar apropriado para mostrar como a pecuária é responsável por boa parte dos gases de efeito estufa, indiretamente pelo desmatamento e queimadas e diretamente pelo gás metano jogado no ar pelos bovinos, por exemplo. Mas não se faz sequer menção e ligação de causa e efeito. O que diz é que as mudanças climáticas possivelmente darão “origem a migrações de animais e vegetais que nem sempre conseguem adaptar-se” (LS, 25).

2. Quando fala da questão da água, sua qualidade e escassez, diz-se acertadamente que é uma questão vital, e quem mais sofre são os pobres sem acesso à água potável e são os que mais sofrerão caso ocorra escassez, o que fatalmente provocará aumento do preço dos alimentos no mundo inteiro. Dos animais? Nenhuma palavra. Sabe-se, por vários relatórios, que a causa principal do excesso de consumo e desperdício de água doce é a pecuária. A criação e o abate exigem uma infindável quantidade de água, muito superior ao necessário para a agricultura, por exemplo.

3. Perda da biodiversidade. Nesse ponto o texto recorda que somos responsáveis pelas espécies vegetais e animais que desaparecem e, ao desaparecerem,

já não “darão glória a Deus com a sua existência” (LS, 33). Estranhamente faz indistinção dos vegetais e dos animais. Mas logo adiante o texto dá a chave de interpretação dessa indistinção típica, a nosso ver, da ecoteologia. Apesar de a encíclica, em momento algum, referir-se aos animais que criamos para matar, sobretudo animais mamíferos e complexos como um boi, uma vaca, um porco, uma ovelha etc., em um determinado momento ela chega a dizer que até mesmo os fungos, as algas, os vermes, os pequenos insetos, os répteis e a variedade inumerável de micro-organismos importam para a ecologia integral (LS, 34). Assim dito parece que a encíclica seria revolucionária, chegando à defesa dos mais elementares animais, muito além do que vão Peter Singer e Tom Regan, por exemplo, que se interessam, sobretudo, com os animais sencientes e *sujeitos de uma vida*. Mas não. E a encíclica dá a chave hermenêutica que não deixa dúvidas. Esses animais importam, sim, e são necessários “pelo bom funcionamento dos ecossistemas” (LS, 34). Importam em si mesmos ou para o ecossistema? Afinal, os animais têm valor *em si* ou são parte de um todo e só têm valor no todo? Essa é uma pergunta incontornável para pensar a questão animal dentro de uma possível

ecologia integral, mas a ecologia integral, mesmo a do Papa, não alcançou pensar.

E é tudo o que a encíclica diz na primeira parte. E esse tudo é pouco, ou quase nada. A questão animal, no seu núcleo duro dos campos de concentração referidos, simplesmente não existe para a encíclica. É lamentável, mas o que se pode fazer? O louvor, a importância, o alcance revolucionário que a encíclica abriu como perspectiva no trato da ecologia integral nunca será satisfatoriamente reconhecido, mas, na questão animal, simplesmente ficou devendo. E a prova é que não aparece exatamente onde deveria aparecer, isto é, no momento de ver a realidade. Quem sabe não aparece no julgar? Então, vamos ver o que a encíclica diz sobre o nosso foco de interesse na parte do julgar teológico e ético.

### **O Evangelho da Criação: Antropocentrismo responsável**

Na segunda e terceira parte da encíclica, o Papa Francisco já não descreve, mas prescreve, isto é, lança luzes teológicas e éticas sobre a realidade analisada, em

vista da superação e transformação da crise ecológica. O Papa reconhece que as motivações para cuidar do ambiente podem vir de várias direções, mas, muito acertadamente, mesmo que a encíclica seja dirigida a todos e não somente aos fiéis católicos, concentra atenção, na segunda parte da encíclica, nos compromissos ecológicos que brotam das convicções de fé. Para isso opera uma verdadeira hermenêutica bíblica de alto alcance para o cuidado com a casa comum.

Não é o caso de recompor todo tecido da encíclica e sua acertada hermenêutica bíblica como fundamento de uma nova sensibilidade ecológica e de cuidado da casa comum. Apenas faço aqui alguns destaques para situar o contexto do que é dito em relação aos animais. Seis pontos merecem destaque:

a) *Somos feitos à imagem de Deus e com dignidade, somos alguém e não algo. Mas somos alguém ao lado de Deus e da Natureza, em estreita relação de interconexão. As narrativas bíblicas da criação apontam para a harmonia dessa tríplice relação, mas o pecado rompe essa harmonia e o homem se torna agressivo, violento e injusto. Explora a natureza, rompe com Deus, negando-o, e nega o outro, matando-o (LS, 66 e 70).*

b) *Não somos Deus, e é equivocada e errada a interpretação, algumas vezes feita até mesmo pela tradição eclesial cristã, de que, em sendo a parte consciente da criação, podemos dispor do resto da natureza como bem entendermos. O mandato de dominar a criação não deve ser lido sem uma justa hermenêutica. E a justa hermenêutica só pode ser do “cultivar e guardar”, e não de destruir e subjugar (LS, 67).*

c) *Chamados à responsabilidade. Há uma responsabilidade por parte do humano em preservar o que é de Deus, a terra e tudo o que há nela, pois a culminância da criação não é o homem, mas o sábado da confraternização da comunidade de vida. Em relação aos animais, nesse ponto o Papa tem uma postura que não deixa nada a dever aos mais representativos defensores dos direitos dos animais. Diz o Papa: “somos chamados a reconhecer que outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus [...] pelo simples fato de existirem, eles O bendizem e Lhe dão Glória”. Ora, dizer que os animais têm valor em si mesmos (LS, 69) é questionar de uma forma radical o antropocentrismo que, aos moldes Kantianos, só vê valor em si no humano e tudo o mais teria apenas valor instrumental. Diz profeticamente a encíclica: “Hoje a igreja não diz, de forma simplista, que as*

outras criaturas estão totalmente subordinadas ao bem do ser humano, como se não tivessem um valor em si mesmas e fosse possível dispor delas à nossa vontade; mas ensina – como fizeram os bispos da Alemanha – que nas outras criaturas ‘se poderia falar da prioridade do ser sobre o ser úteis’” (LS, 69).

d) *Pela Criação*, obra de amor e não do acaso, cada coisa, mesmo a mais insignificante, recebe um selo de dignidade pelo bem querer de Deus a cada um dos seres criados. Criação significa ato livre de Deus que opera, não por necessidade, mas por liberdade e amor. Essa postura repropõe uma ecologia do profundo em que tudo o que é mereçe ser respeitado pelo que é. A terra, as montanhas, as águas, o sol, a lua, e não só os seres vivos, são, no dizer do Papa, “carícias de Deus” e manifestações do divino. Nenhuma das criaturas se basta e todas se relacionam e apontam para além delas, para Deus. O ser humano, claro, é a parte consciente da criação, e nele “a capacidade de reflexão, o raciocínio, a criatividade, a interpretação, a elaboração artística e outras capacidades originais” (LS, 81) o lançam para além do físico e biológico, transcendendo qualquer determinação da matéria, o que o faz com uma qualidade particular de pessoalidade não passível de ser reduzido à

coisa e a algo. Isso, contudo, não o faz senhor do mundo, com poderes despóticos, pois “o fim último das restantes criaturas não somos nós”, o fim último é Deus, cuja antecipação já a temos em Cristo ressuscitado e glorificado, imagem do Deus invisível do qual também somos imagem.

e) *A comunhão universal* ou a “união íntima com os outros seres da natureza” deveria nos fazer sentir como mutilação em nós, as mutilações que provocamos a qualquer dos seres. Além do quê, causar mal às outras criaturas nos predispõe a causar mal aos humanos, pois a “indiferença ou a crueldade com as outras criaturas deste mundo sempre acabam de alguma forma por repercutir no tratamento que reservamos aos outros seres humanos” (LS, 92). Assim, toda crueldade contra qualquer criatura é “contrária à dignidade humana”. Tudo está interligado, e como o coração é um só, “a miséria que leva a maltratar um animal não tarda a manifestar-se na relação com as outras pessoas” (LS, 92).

O que podemos deduzir dessa postura teológica e dessa hermenêutica bíblica no que diz respeito à relação criador, criatura humana e criação em geral? Nada a se opor, nada a acrescentar. O Papa sintetiza o que há de melhor e acertado na nova interpretação da teologia da

criação. Em sua hermenêutica mais ampla, não poderia ser mais ajustada e pertinente. Contudo, em relação à questão específica dos animais e, sobretudo, aos animais nos referidos campos de concentração, o texto da encíclica, como já foi dito acima, fica devendo pela generalização e pela indistinção e, sobretudo, pela não afirmação clara do valor em si de cada criatura individual, dando sempre a entender que a questão é de criador-criatura no seu sentido generalista, quase metafísico, típico da ecoteologia.

Se a questão fosse colocada desde a defesa do valor intrínseco, inerente e não valor instrumental, como comumente é debatido no interior da ética e teologia animal, as consequências seriam tão contundentes que a encíclica não deixaria de mencionar. Se as afirmações de que os animais têm *valor em si* e diante de Deus cada um é importante e deveríamos assumir a prioridade do *ser sobre o ser útil*, fossem de fato algo dito além de afirmações de ordem da ecoteologia, isto é, numa afirmação dentro de uma totalidade, então o texto não poderia não dizer algo a respeito do que de errado fazemos no âmbito *doméstico, ensino e pesquisa, uso como instrumento, jogo e divertimento* e, sobretudo, o que fazemos na instrumentalização, escravidão,

tortura e morte no âmbito da *alimentação*. E nem diria que ferir, maltratar, matar um animal seria contra a dignidade do humano, mas seria contra a dignidade do animal maltratado e ferido. A diferença é substancial. Porém, para isso, haveria de passar do antropocentrismo para um biocentrismo diferenciado, como veremos mais adiante.

Assim como está na encíclica, no mínimo, fica sem o poder conclusivo que o argumento aparentemente tem. Não que diga algo de equivocados, mas não diz dentro de uma perspectiva dos direitos dos animais e isso enfraquece o argumento, certamente. Ninguém pensará em ser vegetariano ou vegano, por exemplo, lendo a *Laudato Si'*, mesmo que a encíclica insista que precisamos mudar de hábitos de consumo. Ou deveríamos simplesmente interpretar a frase de que *os animais têm valor próprio diante de Deus* com a devida consequência dessa frase, que nos levaria a uma posição de total mudança nos nossos hábitos no trato dos animais nos referidos cinco campos de concentração? Não parece ser o caso. E se não é o caso, então, só podemos dizer que a frase tem sentido metafísico, holístico, ecoteológico, mas que não se presta a defender os altos interesses dos animais, que é de viver livres, em bem-estar e vivos. O



esforço para interpretar a postura da encíclica como se fosse uma aliada na causa animal deve, para o dever de justiça, ser considerado no contexto da encíclica ou nos limites metodológicos dela. Já é um grande avanço, mas aquém do desejável.

Além disso, há uma nítida e recorrente afirmação da centralidade do humano em relação a tudo o mais. Há um antropocentrismo, mesmo que esse seja responsável e não desordenado, como a encíclica dirá na sua terceira parte. Sobre isso, sobre o antropocentrismo responsável, que é apresentado como solução teórica da encíclica, finalizo a reflexão sobre o lugar dos animais na encíclica *Laudato Si'*.

### **Antropocentrismo responsável ou biocentrismo diferenciado?**

No terceiro capítulo da encíclica, ainda dentro do *judgar*, o Papa traça uma análise crítica da *Raiz humana da crise ecológica*. A análise crítica se impõe para não somente ficar nos sintomas, mas avançar até as causas mais profundas (LS, 15) da crise ecológica. E as causas, diz o Papa, límpido e claro, são de dupla natureza, mes-

mo que conectadas: o paradigma tecnocrático dominante (sistema capitalista) e o antropocentrismo.

a) *Paradigma tecnocrático*. A tecnologia não é um mal em si. Pelo contrário, ela é fruto da criatividade e inventividade humana a serviço de nosso bem-estar, e não há como não louvar, diz o Papa, o progresso nos vários campos da atividade humana, sobretudo da medicina, comunicações, engenharias etc., que alcançamos nos últimos 200 anos de história. Quando bem orientada, a tecnologia pode produzir coisas maravilhosas a serviço de todos. Mas não dá para ignorar o perigo que ela representa quando concentrada em algumas mãos apenas. E o perigo cresce porque “o imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência” (LS, 105). O ser humano é um perigo para si mesmo quando se pretende totalmente autônomo e sem “uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro de um lúcido domínio de si” (LS, 105). A questão é que a tecnologia parece não se importar com valores e ela mesma assume o caráter de fim, dominando tanto a economia quanto a política (LS, 109), deixando rastros de destruição do meio ambiente e exclusões sociais

em nome do lucro, da “maximização dos ganhos” e do “crescimento infinito ou ilimitado” (LS, 106). E se engana quem supõe que a tecnologia seja neutra e possa ser usada somente como meio. Ela impõe um estilo de vida em que o sujeito torna-se objeto, ficando refém do que ele mesmo criou. A técnica passa a ser, quando sem limites éticos e sem controle consciente, fim em si mesmo que exige sacrifícios no altar da modernização globalizada, sob o império do ser dominado pelo consumo e pela inovação sem fim. O Papa, porém, não é pessimista. Ainda acredita ser capaz de reorientar a técnica, colocando-a a serviço não de um modelo de progresso que degrade a natureza, mas a outro “tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral” (LS, 112).

b) *Paradigma antropocêntrico*. O paradigma tecnológico é, na verdade, um subproduto do antropocentrismo. Uma equivocada interpretação da posição do homem no cosmos, achando-se o centro e senhor da criação, submetendo tudo o mais a seu favor, é a responsável maior pela nossa ação agressiva irresponsável da natureza. É preciso reconhecer, diz o Papa, que “tudo está interligado” e que não há superior e inferior, mas uma comunidade de vida que ao homem cabe bem administrar. Nesse aspecto, o Papa propõe uma antropolo-

gia que seja capaz de superar o “antropocentrismo desordenado” (LS,118) e, em seu lugar, abrir espaço não para um biocentrismo (LS,118), que também não seria correto, mas para um *antropocentrismo ordenado* no sentido de que o homem seja um “administrador responsável” (LS, 116), que supere uma cultura do descarte e do relativismo que “provoca ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social” (LS, 122). É preciso, diz o Papa, superar o antropocentrismo desordenado, o qual gera um estilo de vida que conduz a um “relativismo prático” que coloca no centro absoluto os interesses individuais, e tudo o mais se torna relativo. O relativismo prático é nefasto e faz escravos humanos e animais, obrigando a trabalhos forçados, a tráfico de humanos, de órgãos ou de drogas sem limite, em que o valor único é o “usa e joga fora”. Sem valores que imponham limites ao próprio humano e que valham universalmente, não há como ultrapassar o antropocentrismo desordenado.

*Antropocentrismo ordenado e administrador responsável*. Essa é a solução proposta pelo Papa. E por que não um biocentrismo diferenciado? Se todos os seres criados têm valor em si, e se o auge da criação é a confraternização da comunidade de vida, e não o homem, então por que continuar falando em antropo-

centrismo, mesmo que ordenado e responsável? Essas ambiguidades são flagrantes na encíclica e precisam ser explicitadas para o bem da verdade e para o bem de novos avanços em relação ao trato ecológico e, sobretudo, ao trato dos animais quando se pensa em ecologia integral. Além de uma conversão ecológica, há de se fazer uma verdadeira conversão animal, tanto teórica quanto de coração e prática.

## Conclusão

A leitura interpretativa da encíclica que perseguimos neste artigo não quis, de forma alguma, enfraquecer o seu alcance em relação ao cuidado da casa comum em suas mais variadas dimensões. Nesse aspecto a encíclica é imbatível. É acertada a sua posição de uma ecologia integral e todas as consequências daí decorrentes. Acertado é, inclusive, cada um dos parágrafos que trata da questão dos seres criados, tanto vegetais quanto animais, na relação para com o criador. O Papa não disse nada que tenha de ser retificado. Não incorre em erro interpretativo. Apenas que, para a causa animal, ainda continua insuficiente e a meio caminho.

Será preciso avançar na esteira da ética e da teologia da libertação animal, em consonância com a ecologia integral proposta pelo Papa. Para isso as bases estão colocadas, cabe construir a habitação que dê segurança e garanta liberdade, saúde e vida a todos os animais e, dentro deles, o animal humano.

## Bibliografia

- BRIGHENTI, Agenor. A evolução do conceito de ecologia no Ensino Social da Igreja. Da *Rerum Novarum* à *Laudato si'*. In: MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (Orgs.). *Cuidar da casa comum*. Chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016, pp. 52-64.
- COETZEE, John Maxwell. *A Vida dos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*. Sobre o Cuidado da nossa Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MURAD, Afonso; TAVARES, Sinivaldo Silva (Orgs.). *Cuidar da Casa Comum*. Chaves de leitura teológicas e pastorais da *Laudato Si'*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- SUSIN, Luiz Carlos; ZAMPIERI, Gilmar. *A Vida dos Outros*. Ética e teologia da libertação animal. São Paulo: Paulinas, 2015.

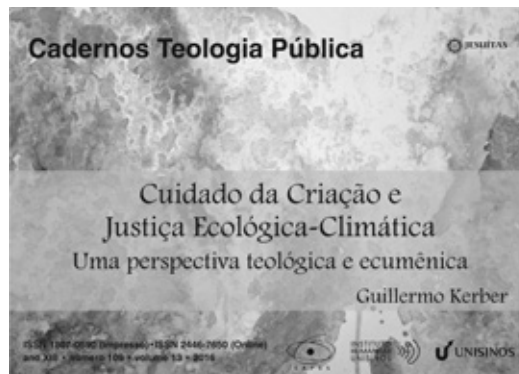


## Publicações do Instituto Humanitas Unisinos



Nº 48 – Mineração e o impulso à desigualdade: impactos ambientais e sociais

**Cadernos IHU em formação** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que reúne entrevistas e artigos sobre o mesmo tema, já divulgados na revista **IHU On-Line** e nos **Cadernos IHU ideias**. Desse modo, queremos facilitar a discussão na academia e fora dela, sobre temas considerados de fronteira, relacionados com a ética, o trabalho, a teologia pública, a filosofia, a política, a economia, a literatura, os movimentos sociais etc., que caracterizam o Instituto Humanitas Unisinos – IHU.



Nº 109 – *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber

A publicação dos **Cadernos Teologia Pública**, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A Teologia Pública busca articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, as culturas e as religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Procura-se, assim, a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade hoje, especialmente a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, constituem o horizonte da teologia pública. Os **Cadernos Teologia Pública** se inscrevem nesta perspectiva.

Nº 53 – *Por onde navegam?*  
*Estudo sobre jovens e adolescentes do Ensino Médio de São Leopoldo e Novo Hamburgo* – Hilário Dick, José Silon Ferreira e Luis Alexandre Cerveira



Os **Cadernos IHU** divulgam pesquisas produzidas por professores/pesquisadores e por alunos dos cursos de Pós-Graduação, bem como trabalhos de conclusão de acadêmicos dos cursos de Graduação. Os artigos publicados abordam os temas sobre ética, sociedade sustentável, trabalho, gênero e teologia pública, que correspondem aos eixos do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Nº 239 – *Brasil: A dialética da dissimulação* – Fábio Konder Comparato



Os **Cadernos IHU ideias** apresentam artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação.

## Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM

- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *“Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Girauda, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum”* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger



- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislando Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight
- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Car-

- men Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais* – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vítor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
- N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber



**Gilmar Zampieri.** Mestre em Teologia pela PUCRS (2002), com a dissertação “O Mistério do Mal: Entre a teodiceia e a teologia”. Mestre em Filosofia pela PUCRS (1999) com a dissertação “A dialética do sensível e do inteligível na concepção do amor em Platão”. Graduado em Filosofia (1988) pela Universidade Católica de Pelotas – UCPEL. Graduação em Teologia (1988) pela Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF. Professor de *Ética e Direitos Humanos* no Centro Universitário La Salle – UNILASALLE e *Teologia Fundamental* na Escola de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF.

### Algumas obras do autor

ZAMPIERI, Gilmar. Procura-se o homem: Diógenes, o Cão!. In: ZAMPIERI, Gilmar; BERNARDI, José. (Org.). *Em que eu Creio: homenagem a Frei Adelino Pilonetto*. Porto Alegre: ESTEF, 2008, p. 103-122.

\_\_\_\_\_. Para compreender a pobreza no Brasil. In: BERNARDI, José (Org.). *Vulnerabilidade Social e Aids*. Porto Alegre: Pastoral de DST/Aids-CNBB, 2005, p. 79-84.

\_\_\_\_\_. Nietzsche e o martelo: crítica aos ideais cristãos. *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre, n.34, p. 14-38, 2005.

\_\_\_\_\_. Globalização e cidadania. *Filofazer*, Passo Fundo, v. 19, p. 141-148, 2001.

\_\_\_\_\_. O mal: um desafio ao pensar. *Cadernos da ESTEF*, Porto Alegre, v. 25, p. 46-61, 2000.

\_\_\_\_\_. Implicações sócio-políticas da teoria da falseabilidade de Popper. *Filofazer*, Passo Fundo, v. 7, p. 21-41, 1995.

### Outras contribuições

ZAMPIERI, Gilmar; SUSIN, Luiz Carlos. Por uma teologia da libertação animal. [03.11.2015]. Revista IHU On-Line 476. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Entrevista concedida a Ricardo Machado.

